

— Não tenha receio. Temos igualmente devotados médicos por aqui e já mandamos buscar um facultativo para atender-nos.

Aflito e desalentado, comecei a esperar.

VII

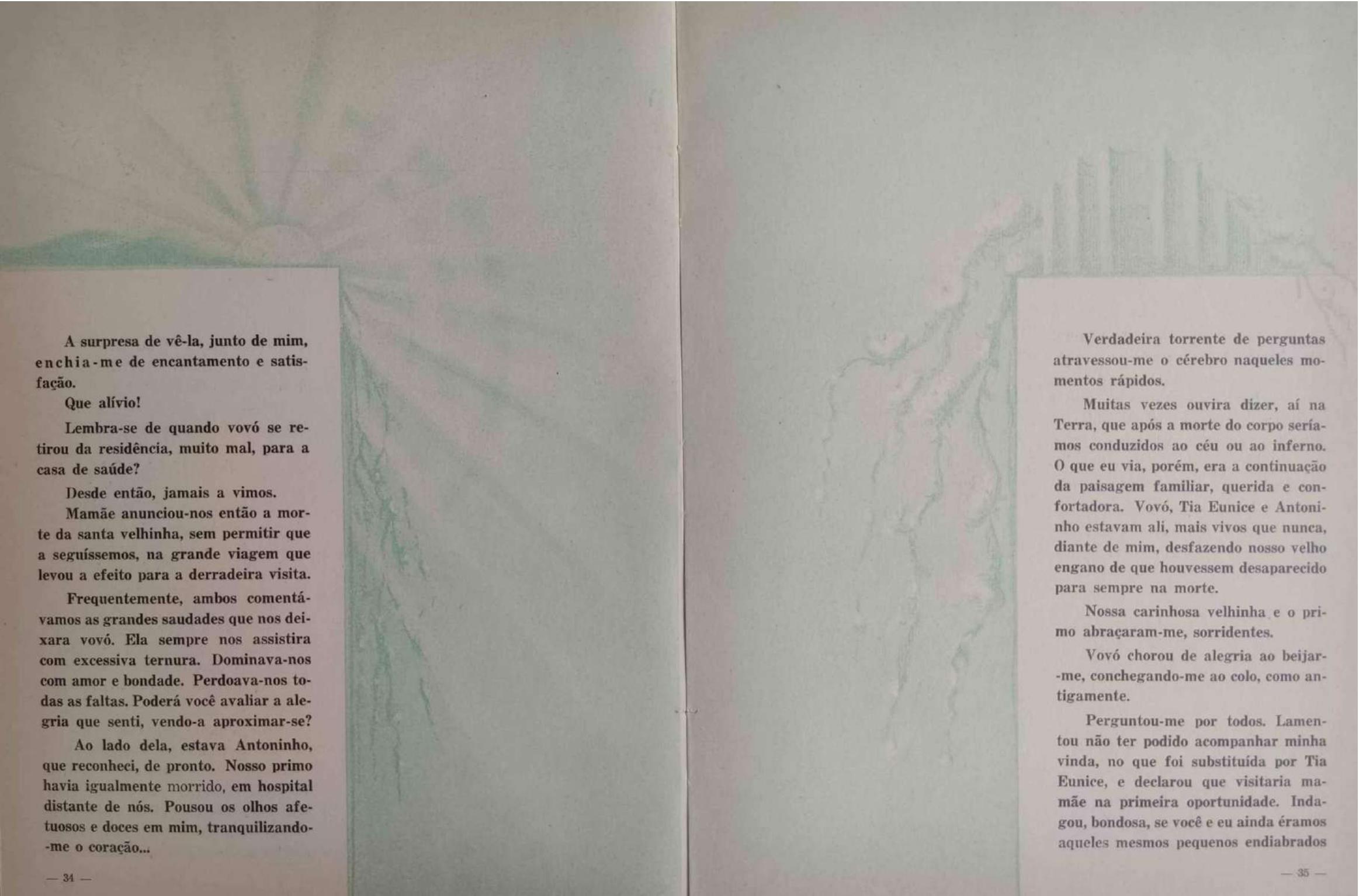
FAMILIARES

Enquanto aguardava o médico, Tia Eunice, em determinado instante, avisou-me de que iria ao interior buscar os familiares e saiu, deixando-me entregue aos pensamentos novos que me invadiam a cabeça.

Decorridos alguns minutos, abriu-se a porta e nossa tia chegou acompanhada por outras pessoas.

A princípio, julguei que fôssem muitas, mas eram duas apenas — vovó Adélia e primo Antoninho.

Vovó chamou-me a atenção mais fortemente. Não estava trêmula, nem curvada. Pareceu-me muito mais moça, alegre e forte. Seus olhos, serenos e lúcidos, irradiavam aquela mesma bondade dos outros tempos.



A surpresa de vê-la, junto de mim,
enchia-me de encantamento e satis-
fação.

Que alívio!

Lembra-se de quando vovó se re-
tirou da residência, muito mal, para a
casa de saúde?

Desde então, jamais a vimos.

Mamãe anunciou-nos então a mor-
te da santa velhinha, sem permitir que
a seguíssemos, na grande viagem que
levou a efeito para a derradeira visita.

Frequentemente, ambos comentá-
vamos as grandes saudades que nos dei-
xara vovó. Ela sempre nos assistira
com excessiva ternura. Dominava-nos
com amor e bondade. Perdoava-nos to-
das as faltas. Poderá você avaliar a ale-
gria que senti, vendo-a aproximar-se?

Ao lado dela, estava Antoninho,
que reconheci, de pronto. Nosso primo
havia igualmente morrido, em hospital
distante de nós. Pousou os olhos afetuo-
sos e doces em mim, tranquilizando-
-me o coração...

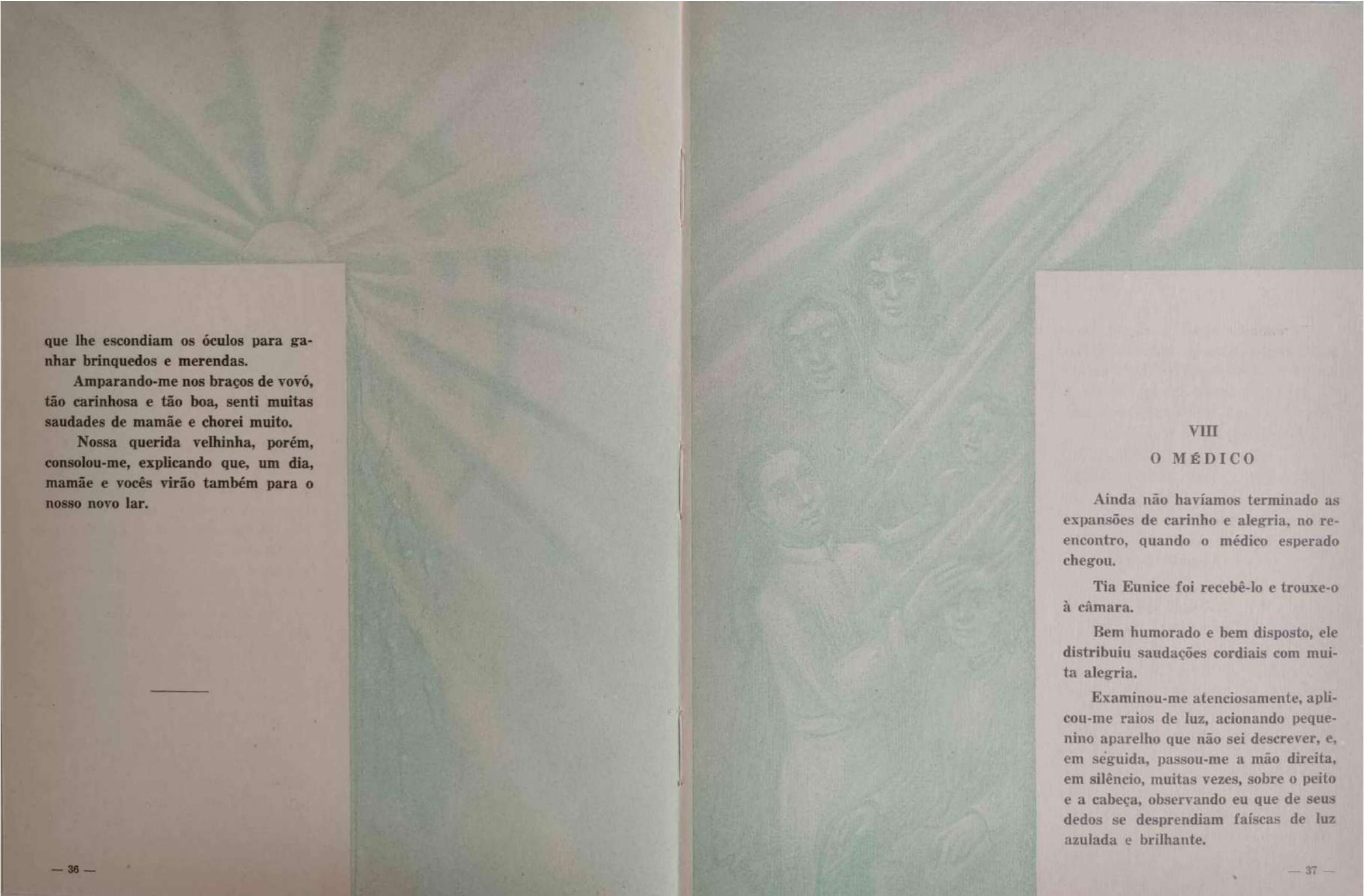
Verdadeira torrente de perguntas
atravessou-me o cérebro naqueles mo-
mentos rápidos.

Muitas vezes ouvira dizer, aí na
Terra, que após a morte do corpo seria-
mos conduzidos ao céu ou ao inferno.
O que eu via, porém, era a continuaçāo
da paisagem familiar, querida e con-
fortadora. Vovó, Tia Eunice e Antoni-
nho estavam ali, mais vivos que nunca,
diante de mim, desfazendo nosso velho
engano de que houvessem desaparecido
para sempre na morte.

Nossa carinhosa velhinha e o pri-
mo abraçaram-me, sorridentes.

Vovó chorou de alegria ao beijar-
-me, conchegando-me ao colo, como an-
tigamente.

Perguntou-me por todos. Lamen-
tou não ter podido acompanhar minha
vinda, no que foi substituída por Tia
Eunice, e declarou que visitaria ma-
māe na primeira oportunidade. Inda-
gou, bondosa, se você e eu ainda éramos
aqueles mesmos pequenos endiabradados



que lhe escondiam os óculos para ganhar brinquedos e merendas.

Amparando-me nos braços de vovó, tão carinhosa e tão boa, senti muitas saudades de mamãe e chorei muito.

Nossa querida velhinha, porém, consolou-me, explicando que, um dia, mamãe e vocês virão também para o nosso novo lar.

VIII

O MÉDICO

Ainda não havíamos terminado as expansões de carinho e alegria, no reencontro, quando o médico esperado chegou.

Tia Eunice foi recebê-lo e trouxe-o à câmara.

Bem humorado e bem disposto, ele distribuiu saudações cordiais com muita alegria.

Examinou-me atenciosamente, aplicou-me raios de luz, acionando pequeno aparelho que não sei descrever, e, em seguida, passou-me a mão direita, em silêncio, muitas vezes, sobre o peito e a cabeça, observando eu que de seus dedos se desprendiam faíscas de luz azulada e brilhante.